

LUZIA CAMBARÁ NO ESPAÇO URBANO: SUJEITO E SENTIDOS EM (DES)CONSTRUÇÃO NA/PELA MEMÓRIA

LUZIA CAMBARÁ IN URBAN SPACE: SUBJECT AND SENSES IN (DES)CONSTRUCTION IN THE MEMORY

Marilda Aparecida Lachovski
Elivelton Assis Krümmel
UFSM – RS

Resumo: A AD, nos pressupostos da teoria materialista de discurso fundada por Michel Pêcheux, na França; e por Eni P. Orlandi, no Brasil, constitui uma área de entremeio, de análise da produção de discursos, sendo assim, espaço propício para os estudos da historicidade, do sujeito e dos movimentos da memória na produção de efeitos de sentidos sempre outros. Busca-se, enquanto gesto interpretativo, analisar as relações de contradição e processos de identificação da personagem sujeito Luzia, na narrativa de “O tempo e o vento”, mais precisamente, em “O Continente”. Nesse sentido, mobilizamos a teoria da AD tomando como base os estudos feitos por Michel Pêcheux, Eni P. Orlandi e outros autores que podem nos auxiliar na construção do objeto analítico. Logo, a partir da cidade ficcional de Santa Fé e dos discursos produzidos sobre e por Luzia sobre si mesma, funcionam como lugar de movimentação dos sentidos, da memória e do dizer, instaurando a contradição.

Palavras-chave: memória; cidade; interdiscurso; sujeito.

Abstract: The AD, in the assumptions of the theory materialist of discourse founded by Michel Pêcheux in France; and by Eni P. Orlandi, in Brazil, is an area of intersection, of analysis of the production of discourses, being, therefore, space conducive to the studies of historicity, the subject and the movements of memory in producing effects of other senses always. As an interpretive gesture, we seek to analyze the relations of contradiction and processes of identification of the personage Luzia, in the narrative of "O tempo e o vento", more precisely, in "O Continente". In this sense, we mobilize AD theory based on the studies made by Michel Pêcheux, Eni P. Orlandi and other authors who can help us in the construction of the analytical object. Therefore, starting from the fictional city of Santa Fe and the discourses produced on and by Luzia about itself, they function as a place of movement of the senses, of memory and of saying, establishing the contradiction.

Keywords: memory; City; Interdiscourse; subject.

INTRODUÇÃO

A obra “O tempo e o vento” de Erico Verissimo constitui-se em sete volumes de sua trilogia, narrando uma versão da história do Rio Grande do Sul, desde a sua miscigenação, no confronto com o indígena, até o surgimento de um governo republicano, instaurando em sua tessitura, uma série de elementos que podem nos suscitar ainda muitos questionamentos. Analisamos, neste artigo, apenas um desses caminhos traçados pela narrativa, mais especificamente, os efeitos de sentido que perpassam a construção de uma personagem na referida obra: Luzia Silva. Demarcar as posições da personagem demanda, também, realizar paralelos entre outros elementos e a cidade que os constitui, completa e permite que, em sua posição sujeito mulher da cidade, Luzia vivencie acontecimentos de conflito, de embate e deslize de significações, analisados e entendidos aqui como necessários para mobilização de um aporte teórico.

Os fundamentos teóricos são oriundos da Análise de Discurso de linha francesa (doravante AD), postulada por Michel Pêcheux, na França, e relida, ressignificada, por Eni P. Orlandi, no Brasil. Trabalhamos na interface entre a literatura e a AD, analisando os modos como a linguagem em curso, o discurso, funciona nessa relação, buscando a compreensão dos movimentos da memória, das formações discursivas e dos sentidos.

A AD, como nos adverte Orlandi (2012a), é espaço de entremeio, é a ciência da interpretação e sendo assim, constitui-se como área propícia para os estudos da linguagem e dos deslizes dos sentidos, na relação sujeito/língua/história. Seu início dá-se a partir de 1960, momento em que a França passava por problemas de cunho político e social, conduzindo os estudiosos a pensar as rupturas epistemológicas que os filiavam ou não aos parâmetros teóricos que já não davam conta de explicar o processo no qual estava inserida. É, portanto, na França, que a AD surge tendo como pontos principais a palavra, o sujeito e a história, logo, é política, social e humana.

Pelo viés discursivo, analisamos neste trabalho os modos como a cidade ficcional de Santa Fé, textualizada na obra “O tempo e o vento”, na relação com seus habitantes ficcionais, abre espaço para diferentes efeitos de sentido, promovendo contradições e sinalizando para diferentes espaços discursivos ocupados, mesmo que provisoriamente, por esses sujeitos, fazendo movimentar a memória.

A cidade ficcional de Santa Fé textualizada na obra é, como tratamos anteriormente em outro trabalho, espaço de luta, de guerras, de enlacs e disputas, espaço no qual se desencadeiam várias lutas interpessoais inseridas num imaginário de guerras regionais,

locais e nacionais. (FRANÇA, 2015). Nesse espaço, por sua vez, circulam sujeitos personagens que nos dão condições necessárias, que nos possibilitam a análise discursiva, percebendo como as suas posições sujeito, filiadas a formações ideológicas que dão conta da mentalidade, da ordem do simbólico e da história, ou seja, aquilo que dentro de um determinado contexto, situa e permite a produção e movimento de uns sentidos e não outros, delimitados pela relação intrínseca com o histórico. A formação ideológica (FI) materializa, portanto, os enunciados nas formações discursivas (FD), determinando o que é ou não aceitável nos discursos. Como Pêcheux (1997, p. 166) define, a formação ideológica é: “um elemento [...] suscetível de intervir como força em confronto com outras forças [...], constitui um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem individuais e nem coletivas [...]”. As formações discursivas constituem a delimitação daquilo que pode e deve ser dito em uma determinada conjuntura. Elas são determinadas historicamente dentro das relações de classe, segundo Pêcheux (1997), e são, portanto, correntes, mudam, transferem-se e mobilizam as disjunções, as falhas, a pluralidade dos sentidos. Por isso, podemos dizer que o sujeito personagem Luzia, produz um confronto dentro da FI que perpassa a sua constituição, sendo que não se enquadra nos “moldes” de mulher, aceitos naquela sociedade, da qual faz parte. Ao se mostrar diferente das demais mulheres que circulam em Santa Fé, rompe com a formação imaginária de mulher casta, submissa, quieta e atenta ao lar, como a própria sogra Bibiana lhe requer. E podemos dizer que é por essa quebra e ruptura na formação ideológica à qual Bibiana insiste que a nora esteja filiada que se produzem os diferentes sentidos e as diferentes posições do sujeito Luzia.

O objetivo principal de nossa análise é compreender o processo de constituição da personagem Luzia Silva, neta de Aguinaldo Silva, os diferentes sentidos do domínio cidade em duas frentes: por ela, sendo uma mulher da cidade (fora de Santa Fé) e pelas outras mulheres (habitantes do espaço da referida cidade ficcional).

Nosso objeto discursivo está no volume “O Continente”, mais precisamente situado no capítulo V intitulado “A guerra”, que trata do evento histórico da Guerra do Paraguai como preâmbulo para a escrita literária. Com mais de duas mil e quinhentas páginas, a obra “O tempo e o Vento” apresenta uma das versões que correspondem a mais de duzentos anos da história do Rio Grande do Sul, sendo publicada pela primeira vez em 1949. Nascido em Cruz Alta (RS), em 1905, Erico Verissimo tem suas obras divididas em três fases: os romances urbanos, com “Clarissa” (1933), “Caminhos Cruzados” (1935), “Um lugar ao sol” (1936); “Olhai os lírios do campo” (1938); “Saga” (1940) e “O resto é silêncio” (1942). Já na segunda fase, o autor dá ênfase ao processo histórico do Rio Grande

do Sul, com “O tempo e o Vento”, formado por três volumes: “O continente” (1948), “O retrato” (1951) e “O arquipélago” (1961) e por fim, “O senhor embaixador” (1965); “O prisioneiro” (1967) e “Incidente em Antares” (1971) que constituem a sua narrativa de cunho político, inseridas no contexto ditatorial, daí a definição de romances políticos. Além disso, acrescentam-se as narrativas de memórias como “Solo de Clarineta I” (1973) e “II” (1975).

Como dissemos anteriormente, trabalhamos na interface entre a literatura e a AD, portanto, não nos deteremos nas relações entre ambas as áreas, suas especificidades e seus distanciamentos, mas sim, mobilizamos os conceitos da teoria discursiva na análise da literatura como objeto discursivo, enquanto espaço de movimento dos sentidos, movimento do dizer e do silêncio, da memória, permitindo assim, os deslizamentos, as falhas e cesuras, as contradições e apagamentos.

Diante disso, nossa questão de pesquisa é como Luzia, enquanto sujeito personagem que circula pelo espaço ficcional urbano de Santa Fé, instaura efeitos de sentidos vários, que atuam e modificam o domínio da própria cidade, fazendo com que sobre o espaço se produzam discursos e sentidos que, ora a inscrevem na cidade, ora a afastam. Para tal análise nos amparamos em dois eixos de inscrição/filiação da personagem Luzia: como ela se inscreve no espaço, contraindificando-se ou desidentificando-se às FDs correntes e como as mulheres da cidade a refutam, fazendo dela uma forasteira.

1- (RE)VISITANDO A TEORIA...

Na interface literatura e AD, não tratamos da personagem como fruto da criação do seu autor, mas a entendemos como uma posição entre outras, portanto, como sujeito de discursos. Nesse sentido, o sujeito em AD não é uma organização psicológica, estética ou empírica, no retrato do real como pano de fundo, mas sim aquele que não é origem ou fonte do dizer, e que por este gesto esquece que o que fala já foi dito antes, em outro lugar, por outro sujeito. Este, na AD, só o é se interpelado pela ideologia, na sua condição de assujeitado, ou seja, na relação entre ele, ‘o real da língua e o real da história’, na medida em que “a ideologia tem como função fazer com que os agentes da produção reconheçam seu lugar nestas relações sociais de produção”. (PÊCHEUX, 1997, p. 24).

Orlandi (2012a) afirma que o sujeito não é origem ou fonte do dizer, antes é, condicionado aos já ditos e esquecidos que retornam sob a forma do novo, atualizam os sentidos. Assim, o interdiscurso ou memória discursiva é “aquilo que fala antes, em outro

lugar, independentemente”, o “já lá”, pré-construído que sustenta o dizer. (ORLANDI, 1999, p. 31). A condição do sujeito, como sempre *já* sujeito atesta para a constituição dos sentidos sempre outros, nunca únicos e estáveis, condição esta que foi pensada por Michel Pêcheux quando na teorização da AD, coloca-a em três áreas que se aproximam: a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise.

Não só ocupando uma determinada classe social o sujeito demarca sua posição, mas no próprio conflito entre as classes, numa relação entre a infraestrutura e a superestrutura, de modo que vai além da separação inicial posta pelo marxismo histórico dialético. Esse pode ser considerado um avanço nos estudos pressupostos por Michel Pêcheux, pois para ele a ideologia não se restringe a refletir a economia, ao contrário, é uma condição para que exista, para que se estabeleça e produza sentidos nos seio das relações sociais. Sendo assim, a interpelação ideológica, segundo Pêcheux condiciona a produção de sentidos nas formações discursivas, nas quais o sujeito está inserido, num “conjunto complexo de atitudes e representações”. (PÊCHEUX, 1997, p. 166).

O lugar ou tomada de posição do sujeito na produção de sentidos define a formação discursiva à qual o sujeito se filia ou não, dependendo de suas relações, de suas práticas sociais, de forma que, como reguladora daquilo que pode e deve ser dito, é ligada diretamente às condições de produção, e no momento em que o sujeito não se filia a uma determinada FD, filia-se a outra pelo funcionamento mesmo da ideologia.

Assim, a formação discursiva (FD) à qual o sujeito se filia em discurso não surgiu no momento de sua fala, ao contrário, está intimamente atrelada aos sentidos que lhe foram conferidos antes, em outros momentos e condições discursivas, sendo ela que “determina o que pode e deve ser dito [...] a partir de uma posição dada em uma conjuntura”. (PÊCHEUX, 1997, 166-167). No entanto, podemos dizer que há nesse aspecto a ilusão de filiação a uma determinada FD, pois, se os sentidos mudam, as FDs também estão em jogo, ou melhor, o sujeito não está preso incondicionalmente a uma, mas pode fazer o movimento entre várias, deslocando os sentidos ilusoriamente estabelecidos dentro de uma mesma FD, o que entendemos pelo viés da AD como efeitos de contradição, ou seja, os modos como o sujeito significa e ocupa posições no discurso, com efeitos de sentidos diferentes, filiado a uma FD.

Esses deslizos de sentidos e de sujeito sinalizam para as noções de identificação, ou seja, os modos como o sujeito se estabiliza nas FDs e FIs, bem como se filiando a uma FD, desidentifica-se a outra. A cada deslize o sujeito pode identificar-se, contraidentificar-se ou desidentificar-se à FD (PÊCHEUX, 1997), sendo que assim o entendemos em mais uma de

suas condições: sujeito dividido, múltiplo, lugar do mesmo e do diferente, promovendo o constante movimento do dizer e dos efeitos de sentido. A tomada de posição do sujeito dividido “pelas diferentes posições que a interpelação ideológica lhe permite” (VENTURINI, 2009, p. 118), aponta para o que Pêcheux define não como “ato originário” do sujeito falante, mas sim como: [...] o efeito, na forma sujeito, da determinação do interdiscurso como discurso transversal, isto é, o efeito da exterioridade do real ideológico-discursivo, na medida em que ela “se volta sobre si mesma” para se atravessar. [...]. (PÊCHEUX, 1997, p.159-160).

O duplo atravessamento – pelo real da língua e pelo real da história – sinaliza para a reduplicação do próprio sujeito, pois, ao assumir determinada posição e não outra, ele instaura novas possibilidades de dizer, de significação e também permite a constituição de novas formações discursivas.

Filiar-se a uma formação discursiva pressupõe ao sujeito a sua inscrição em uma dupla condição ao mesmo tempo: “sujeito de” – interpelado pela ideologia e “sujeito livre e responsável, determinando o que diz, mas determinado pela exterioridade”, segundo Orlandi (2001, p. 91). E é assim que o sujeito entra na ordem do discurso, na medida em que mobiliza sentidos e significados, na relação com a língua, com a história e com o humano, ou seja, está ligado a redes identificadoras que o constituem e o afetam na relação com o simbólico e “essas redes identificadoras não são transferidas ou aprendidas pelos sujeitos por processos de aprendizagem ou interação, mas por sua inscrição e formações discursivas que determinam o que pode ou não entrar na ordem do simbólico”. (VENTURINI, 2009, p. 53).

Por esse viés, é necessário que pontuemos as considerações em torno da memória e de sua relação com o dizer. A princípio dizemos que, em AD, a memória não é a lembrança, a escolha de elementos passados e materializados no real do discurso, assim como não funciona como algo estático e pronto – a memória é movimento de sentidos, de significações e de sujeitos na relação com o imaginário, materializado pelo discurso. Se a função da linguagem é comunicar e não comunicar, a memória é elemento necessário, que se configura como lugar de repetição, do pré-construído, o interdiscurso. Para Orlandi (2001, p. 59), o interdiscurso, é a “memória que se estrutura pelo acontecimento”, uma vez que acontecimento para a autora é aquilo “que se dá no mundo, sendo da ordem do que reclama sentido” (idem, p. 46), por isso a AD ressignifica o social, bem como o político e por que não, o histórico. A ressignificação só é possível pela atualização dos sentidos e da memória, logo, sempre linguagem em curso, no deslize, na falha, no equívoco.

Ocupar um lugar importa em nossas discussões, uma vez que é essa exterioridade que auxilia na própria constituição do sujeito, sinalizando para suas posições no discurso, lugar onde a ideologia se materializa e faz movimentar os sentidos. Orlandi (1996) afirma ser o lugar uma posição entre outras no discurso, ou seja, o lugar que o sujeito ocupa dentro das formações discursivas, assim como concebe o sujeito como lugar, pois tanto ele quanto o que diz, os efeitos de sentidos e memórias que o inscrevem em determinadas condições de produção, são possibilidades do novo, do acontecimento, relação de forças sempre contínuas e sempre em processo.

E se o sujeito é lugar de discurso, ele ocupa, circula, transita por um espaço físico, histórico e simbólico e nessa relação, tanto o sujeito quanto o espaço se movem, deslocam e instauram rupturas, inscrição na ordem do político. Não só como espaço físico, entendemos a partir da mobilização da teoria da AD, a cidade constituída em um espaço contínuo de significação, no qual sujeito e lugar se modificam, onde a língua e a história se articulam. (ORLANDI, 2001, p. 185).

A partir dessas considerações, a cidade é ao mesmo tempo lugar do mesmo e do diferente, lugar da desorganização, da falha, dos silêncios e da incompletude, ou melhor, nas palavras de Orlandi (2001):

[...] Se em uma perspectiva urbanística formal o espaço urbano é considerado como espaço abstrato submetido a cálculos, de outro lado, o espaço urbano pode ser considerado como um espaço material concreto que funciona como um sítio de significação que demanda gestos de interpretação particulares. Um espaço simbólico trabalhado em/pela história, um espaço de sujeitos e de significantes. (ORLANDI, 2001, p. 186)

São os gestos de interpretação que constituem a cidade como espaço urbano, como lugar de significação e circulação de sujeitos que a formam de modos dessemelhantes, mas que se integram ao corpo social, unindo o particular ao coletivo, o sujeito e sua exterioridade. Assim, o que importa na teoria que mobilizamos é entender como a cidade e o espaço urbano funcionam, como significam nessa relação com a língua e a história ou ainda como sugere Orlandi (2001, p. 186), “como o espaço que é a cidade se diz, se simboliza, e, por outro lado, como a linguagem se espacializa na cidade?”

Pensar a literatura, mais precisamente a obra “O tempo e o Vento”, na perspectiva discursiva, é, sobretudo, um desafio na medida em que neste trabalho delimitamos nosso recorte com dois domínios: a cidade ficcional de Santa Fé e Luzia, neta de Aguinaldo Silva. Entendemos que Luzia, circulando pela cidade provinciana de Santa Fé, deslocando-se e

relacionando-se com outros sujeitos personagens, permite a movência de significados e sentidos outros em torno da personagem, por vezes ocupando a posição de mulher cidadina, mulher perdida, neta querida e por fim , ela por ela mesma; sendo que a última posição não fica clara na narrativa, ao contrário, é silenciada e, por isso mesmo, ainda mais significativa na obra, tendo em vista que o silêncio em AD é produção de sentidos.

É partir desses sentidos e posições construídas em torno do sujeito personagem Luzia que seguimos em nossas discussões, sinalizando para a incompletude e não transparência da linguagem, mobilizando saberes e noções na perspectiva que adotamos. Trabalhamos, neste sentido, sob dois pontos principais: a personagem sujeito Luzia e a cidade como *espaços*, portanto, como lugares de produção de sentidos e movimento da memória.

2- LUZIA: MULHER CULTA

Aguinaldo Silva, avô de Luzia, teria chegado à cidade de Santa Fé sem ter origem certa, diziam na cidade que era de Recife, o que demarcava suas raízes, talvez pela entonação de voz; além de trazer consigo a responsabilidade pela morte da esposa e do seu amante, motivo pelo qual teria ele fugido de lá. Os moradores da cidade não sabiam ao certo, portanto, sua origem e passado eram sempre motivos de desconfiança. Sua neta, Luzia, estava então estudando na corte, coisa que não era tão comum aos habitantes de Santa Fé, uma vez que esses costumes da cidade grande não serviam naquele espaço como modo de pertencimento. Numa certa conversa, revela ao vigário: Luzia não é sua neta legítima, mas sim adotiva.

Para entender Luzia é necessário saber que o avô nunca tivera repouso certo, haja vista que, desde a morte da esposa, teria vagado por várias cidades, deslocando-se sempre e, agora, estabelecido, e de certa forma adaptado ao sul, na província de São Pedro. Pelo interdiscurso, podemos compreender que se ele esteve por tanto tempo entre espaços tão diferentes, agora não tinha família, restava-lhe apenas a neta. O sentimento e desejo de constituir família, faz com que ele, homem sozinho, tenha cuidado pela menina, mas ela nunca soube não ser sua neta biológica. Assim, sabe-se, pelo cruzamento da história e da língua, que na época não era comum às meninas e moças ir à escola, considerando o fato de que a educação das mesmas era sempre feita pela mãe, ensinando as filhas os serviços destinados à figura feminina: ser boa mãe, boa dona de casa, quieta e recatada. Luzia, nesse sentido, sinaliza para uma ruptura na formação ideológica vigente na cidade ficcional de

Santa Fé: tem estudo formal, ocupando um lugar que tão somente era dado aos homens. É por esse movimento de ruptura que o sujeito personagem Luzia produz o embate, a desestabilização da formação ideológica e discursiva, embate que por esse gesto, desorganiza a relação língua/homem e mundo, e sinaliza para o deslize, para a deriva, para a divisão dos sentidos e do sujeito, uma vez que Pêcheux (1997) postula que:

cada formação ideológica constitui um complexo de atitudes e representações que não são “individuais” nem “universais” mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas com as outras. [...]. (PÊCHEUX, 1997, p. 166)

Assim, podemos dizer que as formações ideológicas pressupõem o deslize, a ressignificação e o constante confronto entre as diferentes posições dos sujeitos que se inscrevem nos trajetos do dizer. Ocupar uma posição, fixar-se num lugar mesmo que de modo provisório, não demanda apenas a escolha dos sujeitos, já que nem tudo se pode dizer de qualquer modo e em qualquer lugar. Essas considerações apontam para a presença do outro no discurso produzido pelo sujeito, pois há sempre a voz anônima no dizer, sempre já dito e esquecido no presente da fala. É o funcionamento da ideologia que produz a ilusão de homogeneidade e totalidade das FDs, pela naturalização daquilo que se diz, no entanto, ao fazê-lo, divide sentidos e sujeitos, desorganiza e permite ao sujeito carregar os saberes de uma determinada FD para outra, não sendo assim nunca pleno, mas sempre um sujeito à falta. Luzia, nesse sentido, não ocupa a posição mulher casta e submissa, mas rompe, desestabiliza.

Além dessas considerações é necessário que pensemos o movimento da memória na constituição do dizer, nos modos de filiação e produção de sentidos sempre outros e nunca completos. Nesse sentido, a memória, da qual tratamos em AD, não se restringe a lembranças, mas, também não dá conta do todo, portanto, não tratamos aqui da memória arquivada, mas da memória do dizer, do interdiscurso – memória que se esburaca, que falha e se move.

Reconhecendo a relação entre o passado e o presente, bem como as práticas dos sujeitos, entendemos a memória como aquela que materializa os lapsos deixados no dizer, retomando, movendo sentidos e sujeitos. É nesse movimento e nos espaços deixados pela memória que se situam os dois domínios aqui analisados, porque o sujeito personagem Luzia não é nascida em Santa Fé e parece ocupar a cidade pelo fruto do acaso, ou ainda, pelo casamento com Bolívar – filho de Bibiana Terra.

Na relação Bibiana e Luzia, podemos destacar a diferença que se estabelece entre ambas, não apenas um vislumbre de ciúmes entre sogra e nora, mas, sobretudo, na constituição do próprio espaço. Bibiana, matriarca da família Terra-Cambará, pelo interdiscurso, pode funcionar como a relação direta com as origens, com a terra do Sul, com o apego às tradições e ao chão tão defendido pelos santafenezes, no entanto, algo rompe com a estabilidade do espaço construído em suas práticas: Luzia é mulher diferente dela, não tem as mesmas ideias, o mesmo comportamento. Além disso, Luzia não só lhe tirará o filho como também poderá assumir a responsabilidade e poder sobre o Sobrado. Luzia, com ares citadinos, pode constituir o contraditório de Bibiana, pois, suas posições, enquanto mulheres nos discursos, provam que são filiadas a FDs diferentes, sinalizando para movimento dos sentidos, e num certo momento diz ela:

[...] a idéia dos gaúchos em geral é de que o cavalo e a mulher foram feitos para servirem aos homens. E nós nem podemos ficar ofendidas, porque os rio-grandenses dão muito valor aos seus cavalos. [...] Eu sei que sou censurada, que sou falada na vila só porque não quero ser como as outras mulheres que levam uma vida de escravas.

Outra vez Bibiana ficou tesa e tensa em sua cadeira. Tinha olhos e lábios apertados, o rosto contraído numa expressão de expectativa meio agressiva. [...] (VERISSIMO, 2004, p. 106-107)

A noção de ocupar um lugar é primordial nesse embate, não apenas o lugar físico – cidade, mas o lugar dos sujeitos no discurso, haja vista, que em uma das conversas de família, Luzia afirmou: “- Mas eu não moro em Santa Fé, Bolívar. Moro no Sobrado”. (VERISSIMO, 2004, p. 107). Ao demarcar não a cidade como seu lugar de raiz, mas o Sobrado, espaço concebido como próprio de Bibiana e não dela, o discurso da personagem sujeito Luzia faz movimentar a memória e os efeitos de sentido sobre quem manda naquela família, a quem cabe as decisões boas e más. Cidade e Sobrado constituem, assim, os dois domínios onde circulam a personagem e são esses que significam e a fazem, mesmo que, momentaneamente, pertencer ao Rio Grande do Sul de modo dessemelhante às demais mulheres.

Pela narrativa de Verissimo, sabemos que Luzia não saía muito pela cidade ficcional de Santa Fé, ao contrário, retraía-se no interior do Sobrado, mesmo antes da morte de seu marido – Bolívar. Mas, diante do assassinato do mesmo, o Sobrado torna-se seu refúgio, seu lugar de memórias e de manutenção das lembranças vividas ao lado do marido. E esse é o maior conflito entre ela e Bibiana – a liderança do Sobrado. Se, para Bibiana, o Sobrado funciona como espaço de memórias, não é diferente para Luzia, mesmo que as tenha de modo muito particular: “[...] detestava o Angico e a vida no campo. Raramente saía de casa;

e mesmo quando estava no Sobrado passava a maior parte das horas fechada em seu quarto de dormir”. (VERISSIMO, 2004, p. 107).

Refugiar-se no Sobrado é uma das formas de contraidentificação de Luzia às FDs e FIs existentes, pois, se não circula pela cidade de Santa Fé, não significa o espaço e nem se assemelha a ela, no sentido que postula Orlandi de que o corpo do sujeito e o corpo da cidade formam um só, constituindo-se reciprocamente. (ORLANDI, 2004). Individual e coletivo – o sujeito escreve, diz e é a cidade; por outro lado, a cidade o significa, textualizando-o no simbólico, no atravessamento desse sujeito pela língua e pela história.

Ocupar o lugar ainda é, além disso, uma questão de tomada de posições nos discursos, permitindo a inscrição do novo, do deslize e da ressignificação, no movimento entre o mesmo e o outro, no político e no simbólico, assujeitando o sujeito à ideologia, como veremos a seguir.

3- LUZIA: MULHER PERDIDA

Para as outras mulheres, assim como para a sogra Bibiana, Luzia representa perigo, quase uma afronta. Pelo viés da AD, podemos dizer que a chegada de Luzia à cidade ficcional de Santa Fé, não só rompe com o regime de repetição sobre o que é uma mulher para a população local, como, pela produção de discursos e efeitos de sentidos ditos, ao contrário, o silêncio é lugar de produção de sentidos, de funcionamento da memória. Orlandi (1997, p. 37) adverte que: “[...] um homem em silêncio é um homem sem sentido. Então o homem abre mão do risco da significação, da sua ameaça e se preenche: fala.” No entanto, esse silêncio não é vazio de significação, é espaço de dizer, de não ditos que significam pela falha, pela ausência. Vejamos:

[...] e durante muito tempo a neta de Aguinaldo Silva foi o assunto predileto nas conversas da vila. As mulheres reparavam nos seus “modos de cidade”, mas bisonhas não tinham coragem de se aproximar da recém-chegada, tomadas de uma grande timidez e duma sensação de inferioridade. [...]. E quando viam Luzia metida nos seus vestidos de renda, cintura muito fina e saia rodada; quando aspiravam o perfume que emanava dela, não podiam fugir à impressão que a neta do pernambucano era uma “mulher perdida” e, portanto, um exemplo perigoso para as moças do lugar. (VERISSIMO, 2004, p. 17)

Como “mulher perdida” o sujeito personagem Luzia destoa das demais mulheres provincianas de Santa Fé, sendo para elas ao mesmo tempo motivo de admiração e de repulsa. A admiração dá-se pela contemplação silenciosa, pela própria aspiração de seu

cheiro, pelos seus hábitos e costumes tão vigiados pelas santafenezes; a repulsa, se dá pelo cruzamento da história; pelos efeitos de contradição que se filiam à mesma FD: mulheres da cidade são perigosas à moral e bons costumes, no entanto, essa mulher é vista, analisada e admirada por aquelas que a repelem; que não têm condições de opor-se, discursivamente, ao objeto de dupla via - ao mesmo tempo admirado/repulsivo -, reservando-se ao silêncio, significando.

A produção de efeitos de sentidos pelo silêncio das demais mulheres sobre os modos citadinos de Luzia, sinaliza para os múltiplos lugares (físicos, discursivos) que formam a mesma cidade, pois há nesse espaço o confronto entre as FIs (da cidade de Santa Fé e da Corte), já que a personagem Luzia não é santafeneze de nascença, mas apenas de passagem. É na cidade que, segundo Orlandi (2004a), “organização e desorganização se acompanham”, lugar de continuidade e descontinuidade, do mesmo e do diferente, pois, é a “emergência das falas desorganizadas que significam lugares onde os sentidos faltam, incidência de novos processos de significação que perturbam ao mesmo tempo a ordem do discurso e a organização social”. (ORLANDI, 2004a, p. 61).

Lugar, nesse sentido que colocamos, pela perspectiva da AD de linha francesa, é, como diz Scherer (2008, p. 132), um “entre-lugar”, constituído como “lugar de formulação, produção e circulação de discurso e de lugar”, espaço de falhas, de deslize e movimento de sentidos sempre podendo ser outros na inserção do sujeito no político e no simbólico. Essa abertura, como lacuna sempre pronta ao ilusoriamente novo, gerencia e fragmenta ainda mais os sentidos e o sujeito, materializando os vestígios (próprios da história), na materialidade da ideologia (discurso), pela materialidade do sujeito (seu corpo).

Sendo assim, o sujeito personagem Luzia, ao circular pela cidade/vila de Santa Fé, não revela apenas quem é, mas escreve o espaço, constitui e constitui-se nele/por ele, de modo que, pelo duplo atravessamento da língua e da história, abre cesuras, instaura o novo, rompendo com as formações ideológicas e discursivas, fazendo movimentar os sentidos.

4- LUZIA: POR ELA MESMA?

Se o olhar dos demais habitantes de Santa Fé constituem o perfil da personagem sujeito Luzia, isso acontece não só por esse viés, mas também pelos discursos produzidos por ela, em seus silêncios e dizeres. A personagem é, no decorrer da narrativa, um dos pontos de maior indagação, de dúvida. Em uma das conversas sobre a acusação de Severino, negro condenado à morte, diz ela: “– Não sei se o que disse é científico ou não.

Mas é o que sinto. Para mim o negro está mais perto do macaco que dos seres humanos” (VERISSIMO, 2004, p. 65). Essa conversa foi travada entre Winter, Luzia e Aguinaldo, numa de suas reuniões em torno do assunto e sabemos, pelo interdiscurso, que Luzia, lendo, é inteirada de assuntos que não dizem respeito às mulheres da cidade, pensa diferente.

Depois disso, na sequência da narrativa, Luzia ainda afirma: [...] ser bom ou ser mau é uma questão de mais ou menos coragem?”(VERISSIMO, 2004, p. 66). Nesse sentido a sua posição sujeito não se filia a FD que circula na vila de Santa Fé, pois ali, não se pode pensar de qualquer jeito, querer ou ser de outra forma, tudo está estabelecido e posto pelo simbólico, pelo histórico. É assim que as FDs regulam o que pode e deve ser dito, conforme Pêcheux (1997), numa determinada conjuntura. Pelo interdiscurso, ao dizer que se pode ser bom ou mau dependendo da coragem, Luzia, em sua posição sujeito mulher, que destoa das demais da cidade, permite novas formulações de sentido: é preciso ter coragem. Logo, pelo fio da narrativa entendemos de que coragem ela fala, pois, ao entrar na família seu maior atrito se dá com Bibiana – a ressignificação de Ana Terra e de seus ideais de força, de luta e entrega.

O processo de desidentificação da personagem sujeito Luzia às FDs pode ser sinalizado quando que ela afirma em certo momento: “[...] morre-se barato – disse ela – viver é que custa caro”. (VERISSIMO, 2004, p.75). Os discursos produzidos por Luzia apontam para a negação de um dos elementos que mais impulsionam os santafenezes – as guerras. Conforme já pontuamos em outro trabalho, as guerras constituem elemento condutor na obra “O tempo e o Vento”, constituindo-se como necessárias e fundamentais para a construção do simbólico. (FRANÇA, 2015). No entanto, a personagem sujeito Luzia não se entende como santafeneze, nem de nascimento, nem de passagem, pois, além de afirmar não morar na cidade, mas no Sobrado, isolando-se, logo, não circula e não constitui o espaço, por ele também não é constituída. Sua insatisfação no local manifesta-se: “- Mas não é uma coisa horrível a vida que a gente leva aqui? – Pergunta ela”. (VERISSIMO, 2004, p. 100). A sensação de desapego aos moldes e padrões estabelecidos na região, não lhe conferem condições de relacionar-se com os demais habitantes, é preciso ficar só. Restringir-se ao Sobrado – lugar no qual, na narrativa de Verissimo, ocorrem outras lutas – abre-se outro espaço de conflito, em que há luta pelo seu domínio.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da escrita literária de Verissimo, aqui tomada como nosso *corpus* analítico, é preciso destacar a posição sujeito autor do mesmo, na medida que quando escreve, toma para si a autoridade e diz de um certo espaço, de determinada posição, nas suas filiações ou não às formações ideológicas. Nas relações entre a língua, o sujeito e a história, a literatura, pelo uso da linguagem em seu caráter heterogêneo e não linear, parece-nos um bom caminho para os estudos acerca do discurso. Se ao dizer significamos, Verissimo faz isso pela sua escrita, inscrevendo a ficção no real, no histórico e no simbólico.

Nesse sentido, as personagens que atuam em sua narrativa, são, pelo viés discursivo da AD, personagens sujeitos, logo tomam posições, filiam-se ou não às FIs e FDs, permitidas pela história. Sendo assim, tomamos como objeto de análise a personagem Luzia, que ao nosso ver, rompe com todos os discursos permitidos no espaço da cidade ficcional de Santa Fé. Luzia, desde que chega à cidade, é vista, lida, significada e ressignificada de diferentes modos, por outros sujeitos e por ela mesma. São essas pluralidades do sujeito Luzia que tentamos mapear, neste trabalho, entendendo que, como propõe a AD, o sujeito é pelo seu assujeitamento, pela ideologia. Entre olhares, discursos e silenciamentos constitui-se a personagem, e é a partir desses efeitos de sentido que lhe são inferidos e das suas relações com o imaginário, bem como com a prática dos demais sujeitos do mesmo espaço que Luzia refugia-se, isola-se e se mostra, se identifica como diferente das demais mulheres da provinciana cidade ficcional.

A produção de sentidos e de discursos aponta para os movimentos da memória, para aquilo que, em determinadas condições, podem ou não entrar na ordem do dito, do discurso. Afinal qual é o discurso possível sobre Luzia? Para os demais habitantes, somente aquilo que lhes é sabido pela interpretação de um olhar: mulher da cidade, mulher perdida, mulher estrangeira, diferente. Para o avô Aguinaldo, a mesma mulher tem outra significação: é a neta querida, que lhe garante uma família, de pertencimento a alguém, às raízes. Para a própria Luzia, sua identificação diz das suas relações com os demais: não quer ser como as demais mulheres, não quer andar entre elas, não quer ser escrava, é livre, mesmo que refugiada no Sobrado. Sendo assim, são vários os sentidos atribuídos à mulher da cidade, sentido posto e materializado pelos demais sujeitos e por ela mesma, numa mesma FI, mas que abre para várias FDs. Esses efeitos e produção de sentidos sinalizam para o efeito de contradição, ou seja, dentro do mesmo histórico e simbólico, há a

produção de diferentes discursos e sentidos sobre a mesma personagem, fazendo movimentar a memória e o discurso.

Se ao dizer tomamos posição, Luzia, talvez mais que os demais personagens de Verissimo, diz de um lugar que aos poucos afronta e gera conflito – seu silêncio e distanciamento dos demais santafenezes. Mas mesmo assim, o processo de identificação de Luzia se dá sempre a partir de *um* olhar, de *um* ponto de vista e de *um* lugar de interpretação, lugar dividido entre as personagens e nós enquanto leitores da obra de Verissimo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRANÇA, Marilda Aparecida Lachovski de. **A memória e o memorável: a Guerra do Paraguai em “O tempo e o vento”**. Dissertação de mestrado. Guarapuava, Unicentro, 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e leitura**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos**. Campinas/ Unicamp/ São Paulo, 2001

_____. **Cidade dos sentidos**. São Paulo: Pontes, 2004a.

_____. **O inteligível, o interpretável e o compreensível**. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro. (orgs). *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. 5ª Ed. São Paulo: Ática, 2004b.

_____. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. 2ª ed. Campinas: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Org. Françoise Gadet; trad. Bethania Mariani et al. 3ª ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1997.

_____. **Semântica e discurso**. Uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni P. Orlandi et al. 4ª ed. São Paulo, Campinas, Editora da Unicamp, 2009.

SCHERER, Amanda. **Dos domínios e das fronteiras: o lugar fora do lugar em outro e mesmo lugar**. In: *Análise de Discurso: heranças, métodos e objetos*. Vanice Sargentini e Maria do Rosário Gregolin (organizadoras). São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

VENTURINI, Maria Cleci. **Imagário Urbano. Espaço de rememoração/comemoração**. RS, Passo Fundo: Editora UFP, 2009.

VERISSIMO, Erico. **O tempo e o vento**. Vol. 01; 02. *O continente*. São Paulo: Editora Globo, 2004.

MARILDA APARECIDA LACHOVSKI

Possui graduação em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (2012) e graduação em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (2008), com especialização em Ensino de Língua e Literatura de Língua Portuguesa, Educação do Campo e Diversidade. Professora na rede estadual de educação, Secretaria Estadual de Educação (SEED/PR), e também na rede privada de ensino, nas disciplinas de História e Língua Portuguesa. Mestre em Letras, Interface Língua e Literatura - Unicentro (PPGL). Doutoranda pela UFSM - RS, área Estudos Linguísticos, linha Sujeito, Língua e História. E-mail: proffmarilda@hotmail.com

ELIVÉLTON ASSIS KRÜMMEL

Graduado no Curso de Licenciatura em Letras - Habilitação Português e Literaturas da Língua Portuguesa da Universidade Federal de Santa Maria e graduando do Curso de Bacharelado em Letras - Português/Literaturas. Bolsista de Iniciação Científica - PIBIC/CNPQ, na Universidade Federal de Santa Maria. Integra o Projeto de Pesquisa "A constituição do sujeito na e pela língua: investigações acerca do processo de gramatização, manutenção e atualização do saber nos e sobre os instrumentos linguísticos: Segunda Fase", da Linha de Pesquisa Língua, Sujeito e História coordenada pela professora Dr. Verli Petri (CORPUS/UFSM/PPGL). E-mail: elivelton08@hotmail.com

Enviado em 01/03/2017.

Aceito em 20/04/2017.